

# humanitas

**Vol. XXIX-XXX**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA  
MCMLXXVII-MCMLXXVIII

do Norte de África? Será que as linhas de opinião política que, mais tarde, depois de Alcácer Quibir, se manifestarão de forma mais radical, reflectindo-se em textos como a *Jornada del-rei dom Sebastião à África* e a *Crónica de dom Henrique*, se afirmavam já através de textos literários como os referidos a propósito do príncipe João? Não poderia ir nessa direcção o cuidado de Teive em pintar de maneira forte o estoicismo que anima tanto os monarcas como o príncipe na sua tragédia? O que se pode afirmar é que ele sentiu bem que, com a morte do príncipe, era a tragédia que se apresentava ao reino. A forma literária punha-se, assim, ao serviço do sentido.

A segunda parte do trabalho de Nair Soares consiste na apresentação do texto e da sua tradução comentada. Apraz sublinhar a elegância conseguida pela Autora nas suas versões; elegância que não sacrificou a fidelidade ao original. Nas partes líricas dos Coros é mesmo patente uma sensibilidade que correspondeu muito bem ao que Diogo de Teive terá procurado obter. Refira-se, pois, o cuidado da tradutora em manter o mais possível os recursos estilísticos do original (por ex. na versão dos vv. 934-937), a busca em obter com a frase portuguesa o efeito de estilo elevado da latina (por ex. v. 1073-1074) ou o desenvolvimento que deu à concisão latina (v. 1334).

Sublinhe-se ainda o extremo cuidado de revisão do texto e a boa apresentação tipográfica que o volume oferece, acompanhada por uma capa de bom gosto. É certo que quanto à apresentação crítica do texto teríamos gostado de ver um pouco mais discutidos os critérios e metodologia seguidos na sua fixação. Todavia isto em nada afecta o contributo importante deste trabalho para a investigação sobre o Humanismo português. Teive foi um latinista de prestígio desse Humanismo, com uma projecção testemunhada não só pelas obras impressas, mas também por outros elementos, muitos dos quais ainda jazem nos manuscritos, como bem o mostrou recentemente o Prof. Costa Ramalho, ao elucidar que Teive veio a morrer mais tarde do que se julgava, pois ainda vivia em 1569 (*Sobre os últimos anos de Diogo de Teive*, Separata de *Biblos*, LV).

O presente trabalho constitui, depois do de Luís de Matos, o estudo mais extenso dedicado à tragédia de Diogo de Teive. As surpresas dos documentos, porém, ainda não se terão esgotado. De momento, assinale-se ainda que este volume prestigia a actividade do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

JORGE A. OSÓRIO

**FRANCISCO RICO, Nebrija frente a los bárbaros. El canon de gramáticos nefastos en las polémicas del humanismo, Universidade de Salamanca, 1978, pp. 136.**

Francisco Rico, que, para além de vários trabalhos de tomo publicados desde 1966, se tem dedicado ao estudo de temas sobretudo medievais e humanísticos, oferece neste pequeno volume um contributo particularmente valioso para a exploração de um dos pontos capitais da história do Humanismo em geral e em particular

na Península Ibérica. Trata-se da evocação dos catálogos de gramáticos medievais contra cujos métodos e programas didácticos os humanistas desencadearam em toda a Europa ocidental uma luta de cem anos, desde Lourenço Valla a Erasmo, a fim de restabelecer, na sua pureza, o vigor das línguas clássicas (sobretudo da latina) e reencarnar o património cultural por elas veiculado, como base da nova cultura do Renascimento.

O Autor divide o trabalho em quatro capítulos precedidos de uma introdução. No primeiro procura as origens do nefasto cânon dos gramáticos medievais, recorrendo às referências a eles feitas por humanistas como Petrarca, Leonardo Bruni, Battista Alberti, Guarino e, sobretudo, à análise das *Elegantiae* de Lourenço Valla e da *Epístola apologética* que as precede, verdadeira declaração de guerra e programa de luta contra a barbárie dos pseudogramáticos da Idade Média, que dominavam as escolas públicas e particulares.

No segundo capítulo — A trajectória de Nebrija — F. Rico analisa a situação em Espanha no tempo de Valla, onde as coisas não iam melhor que em Itália e para onde António de Nebrija, discípulo dos mestres italianos e patriarca do Humanismo latino na Península Ibérica, precedido de algumas tentativas incipientes, transplantou a mesma luta contra os bárbaros da cultura. Tal como Valla com as *Elegantiae* na Itália, também Nebrija, ao regressar deste país à sua pátria, estabelece, com as suas *Introductiones latinae* de 1481 e sucessivas *recognitiones* ou reimpressões, um mesmo programa de luta antibarbárica: «para que por la lei de la tornada después de luengo tiempo restituisse en la possessión de su tierra perdida los autores del latín, que estaban ia muchos siglos avía desterrados de España». O Autor faz, ainda, a aproximação de Nebrija com os mestres italianos, sobretudo com Policiano, e analisa o programa e os vários trabalhos nebrissenses de filologia aplicados em especial ao domínio do direito civil e dos estudos bíblicos.

O terceiro capítulo é consagrado à apreciação da luta antibarbárica em várias partes da Europa — Países Baixos e Alemanha, sobretudo — onde se fez sentir o eco das *Elegantiae* de Valla. F. Rico detém-se na consideração do significado que nesta luta representaram o *Liber apologeticus* e o *Antibarbarorum liber* de Erasmo, para extrair deles referências a catálogos de gramáticos medievais que o humanista reprova. É aduzido também o testemunho do poema *Baldus*, em latim macarrónico, do italiano Teófilo Folengo (= Merlim Cocaio), que cita e ridiculariza alguns dos tradicionais gramáticos da Idade Média. E, para finalizar, há uma rápida evocação de *Gargântua* e *Pantagruel* de Rabelais, onde se encontram referências burlescas aos mesmos gramáticos.

O trabalho de Nebrija, apesar das grandes dificuldades com que ele lutava, começou em breve a surtir o seu efeito benéfico, e a pouco e pouco se foi gerando uma mentalidade nova em alguns dos letrados seus compatriotas, que passaram a seguir os métodos do ensino humanístico e a combater os velhos critérios da gramática medieva. Nebrija criava, assim, uma verdadeira escola filológica baseada nos princípios humanísticos, com representantes em grande parte dos centros culturais de Espanha, os quais adoptavam as *Introductiones* nebrissenses ou nelas fundavam os seus compêndios. É este o tema do quarto e último capítulo.

Francisco Rico fixara, com certa modéstia, na introdução a este livro, o objectivo do seu trabalho: «los catálogos de gramáticos medievales que los humanistas gustaban de enunciar como canon nefasto y reverso de la nueva cultura del Rena-

cimiento, desde los tiempos de Valla a la edad de Erasmo», tendo como «núcleo del trabajo» ... «esbozar la trayectoria intelectual y algunos aspectos de la influencia de Nebrija, precisamente en la perspectiva de tales andanadas contra los *Dotrinales*, los Pedros Elías y otros nombres aún más duros».

Mas o Autor fez mais do que isso: conseguiu desenhar, embora a traços largos, o quadro histórico — ainda mal estudado entre nós — em que se processou a verdadeira gestação do Humanismo, a saber, a restauração das línguas clássicas (a começar pelo latim) e de todos os seus recursos filológicos. É a língua que está, afinal, na base de todo o movimento humanístico, porquanto se sabe que foi precisamente a sua degradação e o desvio do saber filológico de uma perspectiva histórica e realista (ao pôr de lado o padrão e o testemunho dos Clássicos) que levou a uma gramática de cariz especulativo construtora de análises filológicas verdadeiramente disparatadas, com reflexo nefasto no conteúdo da cultura teológica, filosófica, jurídica, literária e das ciências em geral. Por isso escreve Francisco Rico que o tema das *Elementariae* de Lourenço Valla (e de todos os humanistas que se lhe seguiram, diremos nós) era: «sanar el latín para sanar los saberes, hacer de la *eloquentia* (gramática, retórica, filología) núcleo de toda la cultura».

Ficámos, também, a saber, muito a propósito, que o Autor tenciona elaborar, com base neste trabalho ou em relação com ele, um estudo de maior fôlego sobre *La invención del Renacimiento en España*.

Aguardamo-lo com ansiedade.

SEBASTIÃO T. DE PINHO

'SENECA' — *Ottavia*, con note di Guglielmo Ballaira; Corsi Universitari, Torino, Giappicchelli, s.d. (1974), pp. XV + 187.

*Habent sua fata libelli*: depois de relegadas pelo juízo categórico do séc. XIX, a que o trabalho profundo de Friedrich Leo deu toda a autoridade do seu saber, para o grupo das produções literárias de segunda categoria dotadas, quando muito, de interesse meramente histórico, eis que a segunda metade do nosso século concede às tragédias do *corpus* senequiano uma popularidade em cuja base se situa o crescente interesse que os conturbados tempos neronianos vêm despertando entre os especialistas. De tal popularidade não podia a pretexto *Octavia* deixar de colher, por sua parte, os benefícios: disso é prova esta nova edição, publicada por G. Ballaira com o comentário mais amplo que ainda lhe foi dedicado.

As características específicas da obra — a sua índole escolar — explicam muito do seu mérito, tanto como das suas insuficiências. Não se trata de uma edição crítica, muito embora o seu A. tenha julgado útil fazer preceder o seu texto de uma concisa exposição sobre a tradição manuscrita da *Octavia* (pp. IV-VI), a que se segue um elenco bibliográfico bastante completo (pp. VII-XV). É sim uma edição que toma por base o texto, publicado em 1966, por Gian Carlo Gardina, a que Ballaira substitui, aqui e além, uma ou outra variante atestada nos códices,